



A RELAÇÃO ENTRE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA NA AQUISIÇÃO DA ESCRITA

Mayara Stéphanie Barbieri dos Santos¹ Cristiane Carneiro Capristano², Edson Carlos Romualdo³.

RESUMO: Neste trabalho, discute-se a relação entre língua materna (LM) e língua estrangeira (LE) na aquisição da escrita infantil. Nosso objetivo geral é investigar como crianças na aquisição da escrita, falantes e escreventes do português brasileiro (PB), com pouco ou nenhum contato com o inglês, segmentam o que elas imaginam serem palavras nessa língua estrangeira. Nesta pesquisa, partimos da hipótese de que o aprendiz, para registrar o que é estrangeiro, pode basear-se, por um lado, em sua LM e, por outro, nas imagens que constroem, ao longo de suas vivências linguísticas, sobre o que é “estrangeiro”. Nosso material de pesquisa consistiu em 259 produções textuais coletadas durante o projeto de extensão intitulado “Introdução à língua inglesa: música para gente pequena”, aplicado no Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP) – UEM. Para seleção dos dados, fizemos um recorte do material e selecionamos como *corpus* as frases “good morning, everyone” e “hello, good day”, presentes na proposta “Good morning song”, para análise dos registros de segmentações convencionais e não convencionais, levando em consideração a convenção ortográfica das palavras em inglês. Tivemos resultados em todas as categorias propostas, sendo elas: registros convencionais, hipersegmentações, hiposegmentações, mesclas e registros incompletos. Os resultados encontrados foram analisados com base no seguinte arcabouço teórico: Capristano (2007, 2010), Chacon (2004, 2005), Coracini (2003, 2007), Fraga (2014), Gelamo (2006), Nespov & Vogel (1986) e Revuz (1998).

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição da Escrita; Língua Estrangeira; Língua Materna; Prosódia; Segmentação.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre língua materna (doravante LM) e língua estrangeira (doravante LE) na constituição do sujeito vem sendo abordada no trabalho de alguns autores, como Coracini (2003, 2007) e Revuz (1998). A LM, de acordo com Revuz (1998), é aquela falada na primeira infância (que equivale aos cinco primeiros anos de vida de uma criança); é a língua que permite à criança atribuir valor às coisas e às pessoas. A LE, por sua vez, é, de acordo com a mesma autora, “por definição, uma segunda língua, aprendida depois e tendo como referência a primeira língua, aquela da primeira infância” (REVUZ, 1998, p. 215). É por isso que, quando aprendizes têm seu primeiro contato com uma aula de LE, formal e institucionalizada, tal língua lhes causa, em geral, estranhamento.

Pautados nisso, em nossa pesquisa, partimos da hipótese de que o aprendiz se baseia em sua LM para registrar o que é estrangeiro. Mas não nos restringimos a essa hipótese. Também consideramos que esses aprendizes podem usar, inconscientemente, imagens que constroem, ao longo de suas vivências linguísticas, sobre o “estrangeiro” para registrar a/uma língua estrangeira. Dados os limites desta pesquisa, essa hipótese foi explorada apenas no contexto da segmentação convencional e não convencional) de palavras da escrita e com ênfase em produções textuais infantis⁴.

O objetivo geral da pesquisa, assim, foi investigar como crianças na aquisição da escrita, falantes e escreventes do português brasileiro (doravante PB), com pouco ou nenhum contato com o inglês, segmentam o que elas imaginam serem palavras nessa língua estrangeira. Com isso, pretendíamos entender melhor como se dá a relação língua materna (LM) e língua estrangeira (LE), em produções textuais escritas em LE, de crianças que ainda se encontram na aquisição da escrita em LM. Para tanto, buscamos, mais especificamente:

- Observar o funcionamento da segmentação de palavras (convencionais e não convencionais) em produções textuais registradas em língua inglesa por crianças do segundo ano do Ensino Fundamental I;
- Examinar, quantitativa e qualitativamente, todos os momentos em que os alunos segmentam, seja de forma convencional, seja de forma não convencional;

¹ Acadêmica do Curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias, Maringá – PR. Bolsista PIBIC-FUNDAÇÃO ARAUCÁRIA-UEM. may.barbieri@hotmail.com.

² Professora Doutora do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. capristano1@yahoo.com.br.

³ Professor Doutor do Departamento de Teorias Linguísticas e Literárias da Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR. ecomualdo@uol.com.br.

⁴ Capristano (2007, p. 02) explicita que a segmentação “constitui um recurso ligado ao aspecto gráfico-visual do enunciado escrito que possibilita, de diferentes maneiras, a divisão do fluxo textual em porções menores”. Esse recurso refere-se, por exemplo, aos espaços em branco que delimitam palavras na escrita. Quando escrevem, as crianças podem registrar os espaços em branco de forma convencional ou, como ocorre muitas vezes, de forma não convencional.



- Discutir as tendências que os escreventes seguem nos contextos de segmentação convencional e não convencional, baseando-nos, principalmente, na teoria de organização prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986) e na leitura feita dessa teoria por Fraga (2014) e Gelamo (2006)⁵.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O material para pesquisa foi coletado durante o projeto de extensão “Introdução à língua inglesa: música para gente pequena”, desenvolvido por Mayara Stéphanie Barbieri dos Santos e Lislely Camargo Oberst sob a orientação da Prof^a. Dra. Cristiane Carneiro Capristano. Este projeto foi desenvolvido no Colégio de Aplicação Pedagógica (CAP) – UEM, no período de 20/10/2014 à 14/11/2014. Durante o projeto de extensão, foram aplicadas quatro propostas de produção textual com temáticas diferentes baseadas em canções infantis para as turmas do 2º ano do Ensino Fundamental I. Ao todo, coletamos 259 produções textuais para o desenvolvimento da pesquisa. Os alunos que participaram das atividades do projeto possuíam pouco ou nenhum conhecimento prévio de língua inglesa e fizeram suas produções textuais sem ajuda de nenhum elemento gráfico.

Dados os limites da pesquisa, optamos por selecionar apenas a proposta 4, feita a partir da canção “Good Morning Song”, disponível no canal KIBOOMU KIDS SONGS no YouTube⁶. Nosso *corpus* é formado por 64 produções textuais. Nessa atividade, primeiro, a pesquisadora responsável pela coleta começou conversando com as crianças sobre boa educação, mais especificamente, sobre as expressões e palavras que usamos em português quando, nas diversas situações do nosso cotidiano, pretendemos ser educados com os nossos interlocutores. Depois dessa conversa, a pesquisadora colocou a canção “Good Morning Song” para as crianças ouvirem. Finalizada a canção, a pesquisadora escolheu algumas frases musicais para as crianças registrarem, fazendo, para isso, um ditado das frases: “Hello”, “How are you?”, “Good morning”, “Good day”, “Good afternoon”, “Good evening”, “Good night”, “Thank you”, “Excuse me”, “Please”, “How do you do?”, “Good morning, everyone!”, “Hello, good day”, “Just fine” e “It’s so nice to have you here with me today”.

Dentre as palavras e frases registradas pelos alunos, fizemos um recorte e escolhemos as frases “good morning, everyone”⁷ e “hello, good day”⁸ como *corpus* de pesquisa. Para a análise dessas duas frases, o primeiro passo consistiu na descrição linguística delas, considerando, em especial, aspectos morfossintáticos e prosódicos. Depois, quantificamos os registros de segmentações convencionais e não convencionais, considerando os limites padronizados pela convenção ortográfica das palavras em inglês. Nosso olhar para os dados considerou “segmentação convencional” como os brancos colocados entre as palavras de forma a dividi-las corretamente, de acordo com o padrão normativo da Língua Inglesa. Usando o mesmo padrão normativo, analisamos as “segmentações não convencionais” e as classificamos em três categorias distintas: hipossegmentação, hipersegmentação e mesclas.

A hipossegmentação ocorre quando a criança segmenta menos do que o necessário, ou seja, quando ela une uma ou mais palavras. A hipersegmentação, por sua vez, consiste na adição de espaços em branco em lugares não esperados pela convenção ortográfica, ou, ainda, na colocação de espaços no interior das palavras. As mesclas, por fim, “têm a particularidade de não poderem ser satisfatoriamente compreendid[a]s se categorizad[a]s como hiper ou hipossegmentações” (CAPRISTANO, 2010, p. 186), uma vez que os dois processos acontecem de forma simultânea em uma mesma ocorrência.

Dadas as características do *corpus*, criamos também a categoria “registros incompletos”, para casos considerados especiais, em que as crianças escreveram somente algumas das palavras ditadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a análise das duas frases que compõem nosso *corpus* de pesquisa, o primeiro passo, como adiantamos, consistiu na descrição linguística delas, considerando em especial aspectos morfossintáticos e prosódicos.

Do ponto de vista morfossintático, cada palavra que compõe as frases que analisamos pode ser classificada de forma específica. “Good”, por exemplo, é, desse ponto de vista, um adjetivo, “morning” um substantivo e “everyone” um pronome. Na frase, “hello, good day”, a primeira palavra é um substantivo com valor de interjeição, “good” um adjetivo e “day” um substantivo. Porém, para além dessa interpretação, “good morning”

⁵ Nespor & Vogel (1986) postulam que a dimensão prosódica da linguagem é organizada hierarquicamente em sete constituintes prosódicos. Em nossa pesquisa, consideramos que essa organização prosódica pode ter influenciado as escolhas linguísticas referentes à segmentação feitas pelas crianças em suas produções textuais. Na seção em que apresentamos e discutimos nossos resultados, descreveremos com maiores detalhes a proposta dessas autoras.

⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TFVjU-dsIM8>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

⁷ A tradução de “everyone” poderia ser “todo mundo”, porém, neste contexto em que o pronome aparece como vocativo, é mais apropriado traduzi-lo como “pessoal”. A tradução literal de “good morning” é “boa manhã”, mas como em PB essa construção não é comum, propomos “bom dia”. Portanto, nossa tradução sugerida da frase seria “Bom dia, pessoal”.

⁸ A expressão “good day” é, também, aqui traduzida como “bom dia”, porém, é mais comumente usada para desejar a alguém um dia agradável, como em “tenha um bom dia”. A palavra “hello” traduzimos simplesmente como “oi”. Portanto, a tradução sugerida seria “Oi, bom dia”.



e “good day” não funcionam como uma soma dos significados individuais de suas partes, pois são sequências de palavras que atuam como uma unidade só. Essas frases expressam, de maneira compacta e precisa, um conceito ou uma ideia, e as interpretamos como “expressões formulaicas” ou “rotinas conversacionais”. Expressões formulaicas ou rotinas conversacionais, segundo Alencar (2004), são combinações de palavras associadas na mente de todos, frequentemente repetidas em uma sequência. Formam parte de uma interação social e enfocam a relação entre os interlocutores, como, por exemplo, “tudo bem?”, “você tem horas?”, “com licença”, “obrigado(a)”, “perdão” e “Ok”.

Do ponto de vista prosódico, para descrever e analisar essas frases, como antecipado, nos baseamos na proposta de constituintes prosódicos presentes no estudo de Nespor & Vogel (1986), sintetizado em Fraga (2014) e Gelamo (2006). Nespor & Vogel (1986) entendem que a representação mental da fala está dividida em blocos, em que uma unidade de um dado nível está exaustivamente contida em uma unidade de um nível hierarquicamente superior. Do nível mais baixo para o mais alto, os constituintes prosódicos são os seguintes: Sílabas (σ), Pé (Σ), Palavra fonológica (ω), Grupo clítico (C), Frase fonológica (ϕ), Frase entonacional (I) e Enunciado fonológico (U).

Fizemos uma análise das duas frases a partir desses constituintes prosódicos. Nosso objetivo era, com base nas informações obtidas por meio dessa análise, levantar pistas sobre possíveis influências desses constituintes nos registros que as crianças fazem das frases “good morning, everyone” e “hello, good day”.

A sílaba (σ) é o menor constituinte da hierarquia prosódica e faz parte do domínio da palavra fonológica, apesar de ser intermediada pelo pé. As palavras incluídas em nosso *corpus* podem ser divididas silabicamente da seguinte forma:

- Hello – Hel.lo
- Good – Good
- Day – Day
- Morning – Morn.ing
- Everyone – Eve.ry.one

O pé métrico (Σ) é um constituinte formado pela relação de dominância entre duas ou mais sílabas. Ele é um constituinte relativo, que é forte ou fraco, portanto, em comparação aos outros pés. Essa visão, em princípio, exclui a possibilidade de palavras monossilábicas formarem pés. Porém, segundo Bisol (2013), palavras monossílabas que possuem acento primário – como “fé”, “chá”, em português, e “good” e “day”, em inglês, “são cabeças de si mesmas” (Cf. BISOL, 2013, p. 286), portanto, formariam pés⁹. Em nossos dados, interpretamos as palavras monossílabas “good” e “day” como cabeças lexicais de si mesmas e, portanto, pés métricos monossilábicos. As demais palavras do *corpus* podem ser assim analisadas:

- Hello – é formada por um pé iambo, constituído por uma sílaba átona “Hel” seguida por uma sílaba tônica “lo”.
- Morning – é formada por um pé troqueu, constituído por uma sílaba tônica “morn” seguida por uma sílaba átona “ing”.
- Everyone¹⁰ – é formada por dois pés, um troqueu, constituído por uma sílaba tônica “eve”, seguida por uma sílaba átona “ry” e por um pé monossilábico, formado pela sílaba tônica “one”.

A palavra fonológica (ω) domina imediatamente o pé, e é dominada pelo grupo clítico (C). Uma palavra fonológica é composta por um ou mais pés e não possui isomorfia – relação de espelhamento – com palavras morfológicas. Muitas vezes, palavras fonológicas e morfológicas coincidem, como é o caso da maioria das palavras em nosso *corpus* (*hello, good, day, morning*), porém, essa coincidência pode não acontecer, como em “everyone”, em que encontramos somente uma palavra morfológica (apesar de composta), mas duas palavras fonológicas ([every] ω [one] ω).

O grupo clítico (C), por sua vez, é formado por uma única palavra fonológica e um ou mais clíticos (palavras sem acento, ou seja, átonas). Nosso *corpus* não apresenta clíticos, somente palavras lexicais acentuadas. Portanto, nessa pesquisa, o grupo clítico coincide com a palavra fonológica.

A frase fonológica (ϕ) é formada por um ou mais grupos clíticos. Para a identificação das frases fonológicas, o algoritmo de formação proposto por Nespor & Vogel (1986) prevê a identificação dos cabeças lexicais e dos clíticos do lado não-recursivo, até o grupo clítico que contenha outra cabeça lexical, fora do domínio da ϕ . As frases fonológicas podem ser reestruturadas, e essa característica é, segundo Bisol (1999, p. 238), “uma disponibilidade sempre presente” e ocorre “por motivos rítmicos ou por incorporação de um ϕ não ramificado que se encontre à direita de N”, à direita do nó. Sendo assim, temos duas frases fonológicas em cada um dos recortes para análise da pesquisa – a seta (\rightarrow) indica reestruturação:

⁹ Segundo Bisol (2013), os monossílabos átonos, no entanto, não formariam pés, por serem destituídos de acento. Eles se apoiariam à palavra de conteúdo com a qual se relacionam.

¹⁰ “Everyone” é uma palavra composta, já que, etimologicamente, emerge da junção de “every” com outra palavra acentuada da língua inglesa, “one”.



- [Good] φ [morning] φ [everyone] φ → [Good morning] φ [everyone] φ.
- [Hello] φ [good] φ [day] φ → [Hello] φ [good day] φ

A frase entonacional (I) é o domínio da hierarquia prosódica no qual uma ou mais frases fonológicas são agrupadas. Além das informações fonológicas e sintáticas, nesse constituinte, fatores semânticos e pragmáticos são também importantes. Geralmente, fins de frases entonacionais coincidem com posições em que pausas podem ser introduzidas e, além disso, há construções que formam domínios entonacionais por si só, como expressões parentéticas, orações adjetivas explicativas, perguntas de confirmação, vocativos e elementos deslocados de sentenças (FRAGA, 2014, p. 24-25). Sendo assim, temos duas frases entonacionais em cada um dos recortes para análise da pesquisa:

- [Good morning] I [everyone] I.
- [Hello] I [good day] I

O último constituinte é o enunciado fonológico (U), o maior da hierarquia prosódica. Consiste em uma ou mais frases entonacionais, e admite reestruturação a depender de condições pragmáticas e fonológicas. Uma dessas condições é que os enunciados sejam produzidos pelo mesmo falante para o mesmo interlocutor. A frase “good morning, everyone” é aqui interpretada como um enunciado fonológico, pois foi dita por uma única pessoa (a personagem da Mrs. Melody, a professora no vídeo utilizado) para seus alunos, antes da canção começar. Já a segunda frase, “hello, good day”, não poderia, em princípio, ser vista como um enunciado fonológico completo, já que faz parte de uma estrutura maior da qual foi recortada para essa pesquisa – na canção, essa frase faz parte do verso “Howdy, how do you do? Hello, good day!” e é, portanto, duas Is no interior de um U. No entanto, no ditado feito em sala, a frase foi repetida isoladamente diversas vezes, de forma que a pesquisadora fez das duas Is um enunciado fonológico.

Com base nesta descrição morfossintática e prosódica, o segundo passo da pesquisa foi a quantificação dos registros de segmentações convencionais e não convencionais, considerando os limites padronizados pela convenção ortográfica das palavras em inglês. Para melhor disposição dos resultados obtidos, dividimos os dados nas categorias “registros convencionais”, “hipossegmentação”, “hipersegmentação”, “mesclas” e “registros incompletos” e os separamos em gráficos.

Os resultados referentes à frase “good morning, everyone” estão sintetizados no Gráfico 1:

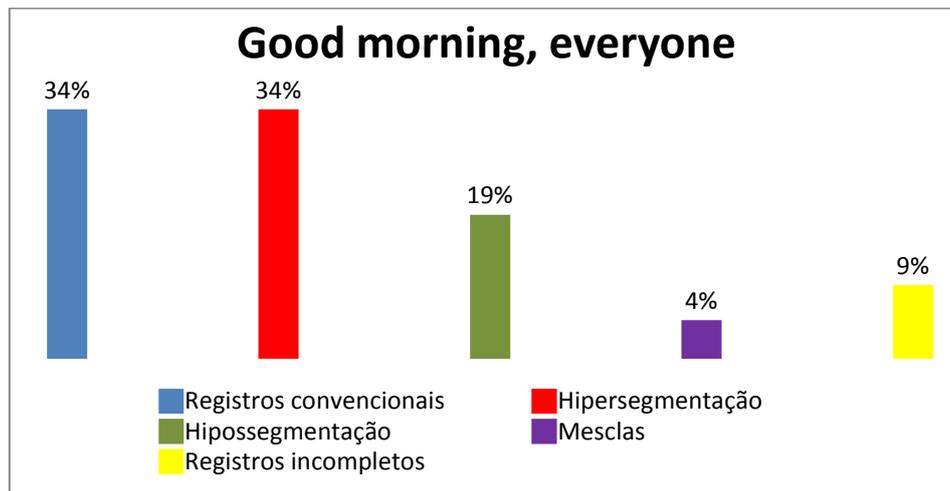


Gráfico 1: Segmentação em “Good morning, everyone”.

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados reunidos na categoria “registros convencionais”, relativos a 34% dos registros, referem-se a momentos em que as crianças registraram as três palavras ditadas, separando-as convencionalmente por espaços em branco, independente da forma como as grafaram, como exemplifica a figura abaixo:

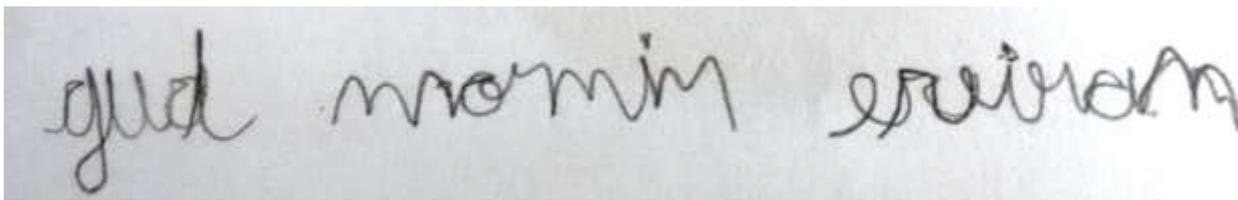


Figura 1 – “Gud mornin eviran”

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados reunidos na categoria “hipersegmentação”, referentes a 34% dos registros, dizem respeito a momentos em que as crianças utilizam mais espaços em branco do que o esperado pelas normas ortográficas do inglês, como exemplifica a Figura 2. Destacamos que todos os registros hipersegmentados aconteceram na palavra “everyone”, o que dialoga com a descrição linguística que fizemos dessa da palavra: “everyone” é uma palavra composta formada por duas palavras fonológicas. Todas as crianças que adicionaram um espaço em branco não previsto fizeram isso entre “every” e “one”, seguindo a tendência que esperávamos.

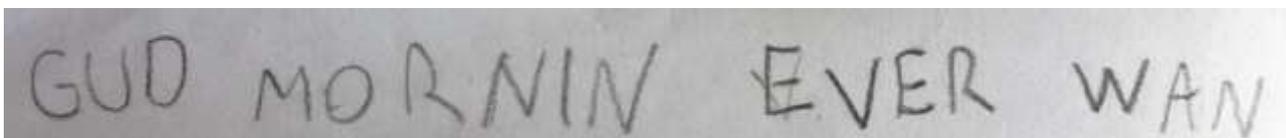


Figura 2 – “Gud mornin ever wan”

Fonte: Dados de pesquisa

Os dados reunidos na categoria “hipossegmentação”, referentes a 19% dos registros, dizem respeito a momentos em que as crianças utilizam menos espaços em branco do que o esperado pelas normas ortográficas do inglês, como exemplifica a Figura 3.

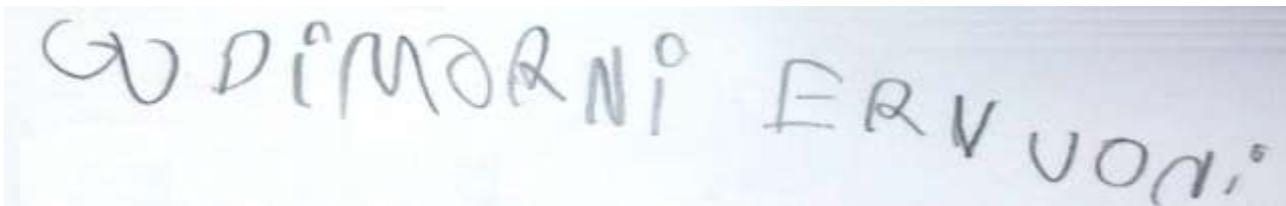


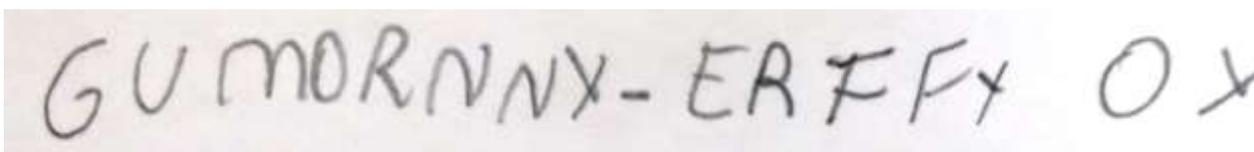
Figura 3 – “Gudimorni ervuoni”

Fonte: Dados da pesquisa

Destacamos que dentre todos os registros de hipossegmentação, 70% aconteceram na junção de “good” com “morning”, 20% dos registros mostram a junção das três palavras em um único bloco. Somente 10% (uma criança) registrou “morning” e “everyone” juntos.

A maioria das crianças seguiu a tendência esperada – elas juntaram as duas primeiras palavras. São as duas palavras fonológicas que compõem uma frase entonacional constituída por uma frase fonológica reestruturada. Os 20% das crianças que uniram as três palavras morfológicas em um único bloco reconheceram somente as fronteiras do enunciado fonológico (o maior constituinte da cadeia prosódica). Uma única criança se comportou de forma não prevista. Ela registrou “Gudi moniévian”¹¹, o que nos permite supor influência de um conhecimento externo, prévio, da palavra “good”, que é bastante comum no Brasil e, talvez por isso, o aluno a separou de todo o resto do enunciado.

Os dados reunidos na categoria “mesclas”, referentes a apenas 4% dos registros, dizem respeito a momentos em que as crianças hipo e hipersegmentam ao mesmo tempo, como exemplifica a Figura 4 abaixo.



¹¹ Este dado é bastante singular e merecia uma análise mais detalhada, pois ele apresenta, além de sua característica sem precedentes nos outros dados, rasuras. Os limites da pesquisa, porém, nos impossibilitaram de aprofundar a análise. Inicialmente, o aluno escreveu a sequência de letras “gudi neoiévian”, porém, algumas dessas letras sofreram transformação ou substituição. Nosso olhar recaí sobre a escolha final da criança “gudi moniévian”, em que a letra “N” foi transformada em “M”, e houve substituição das letras “E” em “O”, “O” em “N” e “U” em “A”.



Figura 4 – “Gumornny-erffy oy”

Fonte: Dados da pesquisa

Destacamos que os únicos dois registros encontrados apresentam a junção de “good morning” e, ao mesmo tempo, a separação de “everyone”. Esses dados também exemplificam as hipóteses levantadas anteriormente.

Por fim, os dados reunidos na categoria “registros incompletos”, referentes a 9% dos registros, dizem respeito às tentativas das crianças de escreverem somente algumas das palavras ditadas, como exemplifica a Figura 5. Do nosso ponto de vista, manter esses dados junto aos outros poderia influenciar negativamente os resultados quantitativos. Todos os registros nessa categoria são tentativas de registrar somente as palavras “good” e “morning”, não a frase inteira “good morning, everyone”. Dentre esses registros, 80% são convencionais e apenas 20% dos registros (uma criança) não são. Esse único registro não convencional refere-se a uma hipossegmentação.



Figura 5 – “Guir moni”

Fonte: Dados da pesquisa

Com relação à frase “hello, good day”, os resultados quantitativos encontrados estão sintetizados no Gráfico 2:

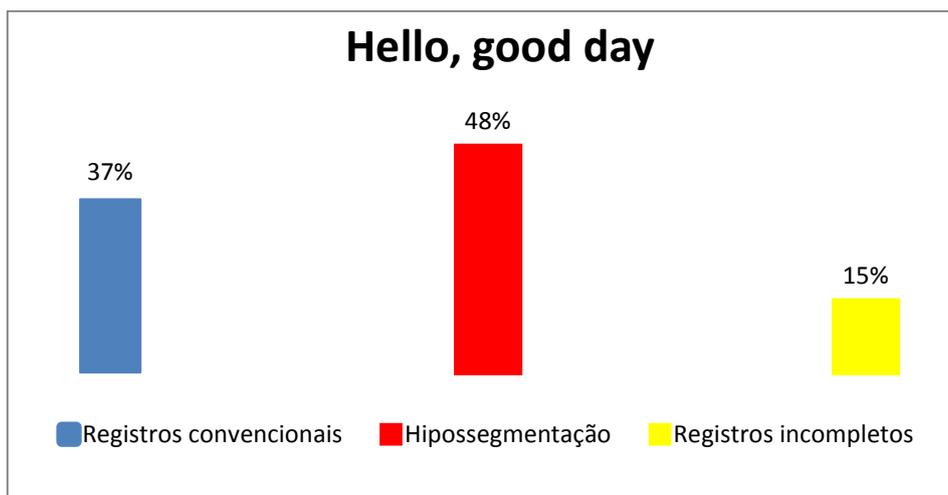


Gráfico II: Segmentação em “Hello, good day”.

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os registros da frase “hello, good day”, em 37% as crianças segmentaram corretamente as três palavras morfológicas ditadas. A segmentação convencional, o acerto, também pode funcionar como uma pista das escolhas inconscientes que os alunos estão sempre fazendo. A aparente falta de dificuldade na separação entre essas três palavras, já que são bastante comuns no Brasil, pode sinalizar a inserção delas no vocabulário do aluno desde muito cedo dada a sua participação em práticas sociais orais e escritas, fazendo parte, portanto, de um conhecimento prévio a essa pesquisa.

Os dados reunidos na categoria “hipossegmentação”, referentes a 48% dos registros (a maior parte deles), dizem respeito a momentos em que as crianças utilizam menos espaços em branco do que o esperado pelas normas ortográficas do inglês, como exemplifica a Figura 7.

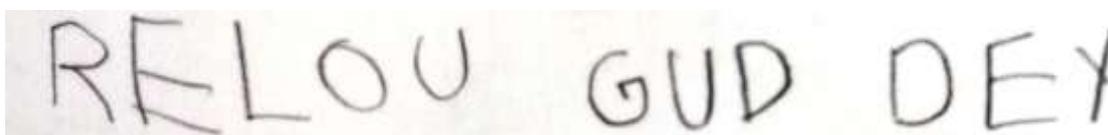


Figura 6 – “Relou gud dey”

Fonte: Dados da pesquisa



Dentre os casos de hipossegmentação, aproximadamente 18% das crianças registraram as três palavras juntas, sem espaço em branco. Essas crianças podem ter reconhecido, na fala da pesquisadora, um enunciado fonológico completo, já que foi dito por uma mesma pessoa para os mesmos interlocutores, e registraram as três palavras morfológicas como uma só. Todas os outros registros apresentam hipossegmentação nas palavras “good” e “day”, o que indicia o estatuto de frase entonacional dessa frase. Nenhuma criança apresentou dificuldade específica com a palavra “hello”, possivelmente por ser tão comum entre os brasileiros que quase perdeu o status de palavra estrangeira.



Figura 7 – “Relou gudei”
Fonte: Dados da pesquisa

Os dados reunidos na categoria “registros incompletos”, referentes a 15% dos registros, dizem respeito às tentativas das crianças de escreverem somente algumas das palavras ditadas. Portanto, registros ou da palavra “hello” ou de “good day”, sendo que, aproximadamente 14% desses registros (somente uma criança), apresentam hipossegmentação em “good day”. Novamente, nenhuma criança apresentou dificuldade com “hello”.



Figura 8 – “gud dey”.

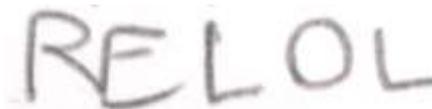


Figura 9 – “relo”.

Fonte: Dados da pesquisa

Na frase “hello, good day” não houve casos nem de hipersegmentação, nem de mescla. A falta de hipersegmentação nos permite levantar algumas observações sobre tais palavras: “Hello” é a única palavra dissílaba da frase ditada (portanto, mais provável de ser hipersegmentada), porém não se pode ignorar as informações letradas que os alunos possuem que, provavelmente, incluiriam a palavra “hello”, às vezes, tão comum para brasileiros quanto uma palavra em português. As palavras seguintes, “good” e “day”, são monossílabas, o que diminui a possibilidade de hipersegmentação, já que a criança dificilmente rompe com a estrutura da sílaba ao hipersegmentar (Cf. CHACON, 2005).

4 CONCLUSÃO

Nosso objetivo para esta pesquisa, inicialmente, foi investigar como crianças durante a aquisição da escrita, falantes e escreventes do português brasileiro, com pouco ou nenhum contato com o inglês, segmentam o que elas imaginam serem palavras nessa língua estrangeira. A partir desse objetivo geral, observamos alguns indícios que nos levaram a levantar observações consonantes com a teoria dos constituintes prosódicos, proposta por Nespor & Vogel (1986).

Um dos objetivos específicos buscados foi entender melhor como se dá a relação entre LM e LE, e pudemos constatar, na análise das frases “good morning, everyone” e “hello, good day”, a presença de um conhecimento prévio dada a natureza formulaica dessas expressões. As hipossegmentações que foram registradas ocorreram, em sua grande maioria, nas expressões “good morning” (70% dos registros) e em “good day” (aproximadamente 82% dos registros). Podemos considerar, portanto, a possibilidade da criança ter relacionado expressões formulaicas semelhantes em sua língua materna – como “bom dia”, por exemplo – e aproximado essas construções do registro das palavras na LE. Essa ocorrência é indício de que a criança, assim como supomos previamente, faz uso de sua LM como base ou, ainda, como ponto de referência, para o registro daquilo que lhe é estrangeiro.

Havíamos proposto observar o funcionamento da segmentação de palavras (convencionais e não convencionais) em produções textuais registradas em língua inglesa e discutir as tendências que os escreventes seguem nesses contextos. Constatamos a tendência à segmentação assim com esperávamos, com base, principalmente, na teoria de organização prosódica proposta por Nespor & Vogel (1986). Os casos de hipersegmentação, por exemplo, que ocorreram somente na palavra “everyone” (referente a 34% dos dados),



coincidiram com os limites do constituinte prosódico “palavra fonológica” presentes neste dado. Nos casos de mescla, em nossos dados, constatamos a reincidência dos dados de hiper e hipossegmentação anteriores: houve a união das palavras “good” e “morning” ao mesmo tempo em que a divisão da palavra “everyone” ocorreu.

Por fim, destacamos a alta porcentagem de registros de segmentação convencional (em “good morning, everyone” - 34% e em “hello, good day” – 37%), que pode apontar para inserção dessas palavras no vocabulário do aluno desde muito cedo dada a sua participação em práticas sociais orais e escritas. Assim, nossas hipóteses sobre as tendências que os alunos seguiriam foram, em sua grande maioria, comprovadas.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Ricardo Borges. **E aí? Uma proposta descritiva das expressões formulaicas para português L2 para estrangeiros**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2004. 156 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. **Segmentação na escrita infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas, v. 35, p. 171-193, jan/abril. 2010.
- CHACON, Lourenço. Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não convencionais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 223-232, set. 2004.
- CORACINI, Maria José. Língua Estrangeira e Língua Materna: Uma questão de sujeito e identidade. In: _____. **Identidade e Discurso**. Chapecó, SC: Argos, 2003. p. 139-195.
- CORACINI, Maria José. Ser/Estar entre-línguas-culturas. In: _____. **A Celebração do Outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo e tradução**. Mercado de Letras, 2007. p. 116-162.
- FRAGA, Milena. **Pausas e constituintes prosódicos na interpretação de atores**. Marília: UNESP, 2014. 52 p. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2014.
- GELAMO, Renata Pelloso. **Organização prosódica e interpretação de canções: a frase entonacional em quatro diferentes interpretações de Na Batucada da Vida**. São José do Rio Preto: UNESP, 2006. 107 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto, 2006.
- REVUZ, Christine. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, Inês. **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 213-230.